

Resenha

As invenções das histórias em quadrinhos

(**Imageria:** o nascimento das histórias em quadrinhos. CAMPOS, Rogério de. São Paulo: Veneta, 2015. 352 p.; II)

Paulo FLORO¹

Traçar uma arqueologia das histórias em quadrinhos sempre foi algo problemático dentro dos estudos das HQs em todo o mundo. Imageria, livro de Rogério de Campos, tem como um dos seus objetivos levantar dados e fontes que possam trazer mais qualidade ao debate de uma invenção da linguagem dos quadrinhos. Ainda que não lance pressupostos ou definições terminativas, o trabalho de Campos colabora para um melhor entendimento desta arte ao longo de 500 anos, desde histórias de temas religiosos do século XV, passando pelas populares obras de Töpffer e Hogarth até chegar em personagens como Little Nemo e Yellow Kid, que se tornaram ícones.

O interesse de Campos em Imageria foi desconstruir a ideia verticalizada de que os quadrinhos modernos tiveram início com a popularização do Yellow Kid, do norte-americano Richard Fenton Outcault, em outubro de 1896, na época de ouro dos suplementos de jornal. Na busca pelos primeiros teóricos dos quadrinhos, o autor cita o desenhista e pesquisador Coulton Waugh, que definiu o surgimento do personagem de Outcault como o marco inicial das HQs modernas em seu livro *The Comics*, de 1947. Esta foi a primeira tentativa de se propor uma narrativa sobre a história das HQs, o que acabou influenciando tais estudos por décadas

Seguidores de Waugh, nos anos seguintes, ajudaram a sedimentar a ideia de que os quadrinhos modernos tinham surgido nos EUA no final do século XIX, ainda que fossem conhecidos outros trabalhos europeus, como é o caso do suíço Töpffer. Logo após a publicação de *The Comics* o Ocidente foi tomado por uma perseguição moralista aos quadrinhos, acusados de promoverem todo tipo de delinquência juvenil e de serem uma arma de subversão esquerdista, algo "extremamente perigoso nas mãos de uma

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas - PPGC/UFPB.
E-mail: paulofloro@gmail.com

criança instável", como pontuou J. Edgar Hoover, diretor do FBI, citado por Campos no livro (p.13). Nesse contexto, a maior parte das obras teóricas sobre quadrinhos vinham em forma de ataque e desqualificação.

Na luta por respeitabilidade e contra a censura, um grupo de pesquisadores, escritores e articulistas empreenderam um movimento contrário em busca de reconhecimento da arte dos quadrinhos. Havia pessoas de todo o mundo neste grupo, incluindo o brasileiro Álvaro de Moya, pioneiro dos estudos da área no país. A busca da revalorização dos quadrinhos nos anos 1960 carregava um ranço nostálgico das *comic strips* norte-americanas dos anos 1930 e 40, como Fantasma, Flash Gordon e Príncipe Valente.

A ideia de que os quadrinhos eram uma invenção americana apelava aos sentimentos nacionalistas e serviram para popularizar a ideia de que as HQs modernas tiveram sua origem nos jornais com o Yellow Kid. Campos cita em sua introdução o historiador inglês David Kunzle, um dos que denunciaram esse "chauvinismo americano" em torno do tema. "Os historiadores norte-americanos chauvinisticamente ignoraram ou negaram totalmente o desenvolvimento dos quadrinhos na Europa do século XIX, de Töpffer a Busch e todo o resto, e mais que isso: ignoraram os quadrinhos norte-americanos pré-1896" (p. 14).

Após uma parte introdutória levantando as incongruências e dificuldades em se remontar uma história das histórias em quadrinhos, Rogério de Campos inicia sua linha de tempo histórica ao apresentar trechos ou HQs inteiras que ajudam a montar um panorama da evolução da linguagem dos quadrinhos modernos. É interessante notar a provocação que Campos faz sobre a própria aceção do que se constitui uma história em quadrinhos. Dependendo do ponto de vista e da abordagem exploratória para buscar essas origens, avolumam-se as possibilidades do que seria um "quadrinho". A arte pré-histórica já poderia ser considerada uma narrativa sequencial? E a Coluna de Trajano, construída em pedra no ano 113 para relatar uma campanha militar do imperador romano?

Como não existe um marco tecnológico claro, como no caso do cinema e da fotografia, para se chegar a uma definição do que é quadrinho, o entendimento acaba se dando por convenção. Para Campos, "a definição do que é HQ tem mudado à medida em que ela evolui". Para os defensores do pioneirismo de Outcault, criador de Yellow

Kid, um quadrinho precisa ter pelo menos três coisas: a) sequência de imagens, b) balões e c) personagens recorrentes. Mas, se esta definição exclui pioneiros como Töpffer e Hogarth, retira do bojo também grande parte da produção dos séculos XX e XXI.

O pesquisador Thierry Groensteen argumentou que uma definição do que são histórias em quadrinhos não pode ser reducionista. Ela deverá dar conta "da totalidade das manifestações históricas dos quadrinhos, e também das outras produções não realizadas, mas teoricamente concebíveis" (p.17). Pegando por esse entendimento de Groensteen, Campos fala em "invenções" dos quadrinhos, no plural, em vez de delimitar um único marco.

Partindo dessa premissa, o livro inicia sua busca por origens no sentido de criar uma arqueologia crítica (ou ainda uma genealogia, no sentido de encontrar traços e elementos que foram evoluindo em diferentes países). As primeiras histórias em quadrinhos que se tem registro foram as notícias populares veiculadas por grupos itinerantes da Europa do século XIV. Os chamados *bänkelsängers* vagueavam no que hoje é a Alemanha apresentando um teatro sem atores. Um cantor-narrador, um violinista, uma lona pintada e uma sequência de imagens em sequência eram o bastante para entreter uma plateia em alguma praça pública. Segundo o livro, esse tipo de atividade era uma espécie de "HQ para um público analfabeto".

Imageria traz a reprodução de uma ilustração de Daniel Chodowiecki, de 1787, que registra um *bänkelsänger*. Campos afirma que tais grupos e suas histórias em quadrinhos também podem ser tidos como primórdios do cinema e do jornalismo moderno. Inclusive foi o cinema - e mais tarde a televisão - que acabou por tirar a popularidade da atividade na Europa. Campos pontua em seu livro diversos registros de quadrinhos, sobretudo europeus, que se tornaram mais ou menos populares e que já traziam elementos que hoje identificamos nas HQs modernas, como a narrativa sequencial de imagens, repetição de cenários e recordatórios.

Jacques Callot aparece como um dos primeiros artistas a criar uma história em quadrinho, em 1633, em Nancy. Em uma longa sequência de desenhos ele denuncia a violência da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), uma das mais sangrentas da história. As misérias e os infortúnios da guerra representados por Jacques Callot, Nobre de

Lorena, e publicados por seu amigo Israel é tido como um dos primeiros manifestos pacifistas da arte, bem antes de *Guernica*, de Pablo Picasso.

Campos chega, enfim, a William Hogarth, inglês nascido em 1697 que é tido como um dos primeiros inventores dos quadrinhos. O autor pontua a dificuldade em classificar os chamados *progresses* de Hogarth como HQs. Tratam-se de grandes quadros sem diálogo ou explicações que trazem uma sequência temporal contando uma história única. A mais famosa delas é *Progresso de uma prostituta*, de 1732, sucesso de público na Londres do período. O impacto, no entanto, foi sentido em toda a Europa, onde diversas influências acabaram fazendo fama em torno desse novo tipo de narrativa.

Depois da desconstrução promovida por pesquisadores, Töpffer vem tomando, aos poucos, um lugar de destaque dentro da história das HQs. Como coloca Campos em sua pesquisa, Töpffer tinha consciência de que tinha criado algo novo dentro das expressões artísticas, inspirado sobretudo em Hogarth. Sobre sua própria obra e aquela nova maneira de narrar o suíço escreveu: "Podem-se escrever narrativas com capítulos, linhas, palavras: é a literatura propriamente dita. Podem escrever narrativas com sucessões de cenas representadas graficamente: é a literatura em imagens. Podem-se também não fazer nem um nem outro, e às vezes é melhor."

Apesar de ter elogios de Goethe e ser respeitado pela crítica e público, Töpffer relutava em relação aos danos que os quadrinhos pudessem causar em sua reputação. Por isso relutou por anos em lançar sua obra. Sua HQ mais famosa, *A história do senhor Jabot*, de 1833, era uma sátira ao pequeno-burguês e às futilidades e progressos da vida moderna. Pai de quatro filhos, dono de uma escola onde estudam os filhos da elite e genro de um dos mais ricos fabricantes de relógio da Suíça, ele reluta em avançar naquela nova arte.

Após a publicação de *Senhor Jabot*, diversos álbuns parecidos surgem por toda a Europa, além de inúmeras edições piratas. Töpffer chega a escrever um artigo em 1837, comentando a popularização dos livros em quadrinhos e se desculpendo por isso.

Outro nome importante para a evolução dos quadrinhos enquanto arte foi Gustave Doré, que traria influência determinante para os trabalhos de Hal Foster e Philippe Druillet, no século XX. Inicialmente influenciado por Töpffer, Doré rompe com os padrões do autor suíço em *(Des)Prazeres de uma viagem de prazeres*, lançado

em Paris em 1851 e reproduzido na íntegra em *Imageria*. Assim como Töpffer, Doré também renegou seus trabalhos em quadrinhos, bem como os seus cartuns. Seus quadrinhos, dessa forma, foram tornando-se esquecidos ao longo dos anos. Como diz Campos, “durante mais de um século, seus quadrinhos sequer são citados nos levantamentos de sua obra” (p.123).

Na mesma época, o alemão Busch também encontrou prestígio na Europa - mas junto com sua fama veio também a censura. Seu quadrinho mais famoso, Max e Moritz, de 1856, (publicados aqui no Brasil como Juca e Chico em tradução de Olavo Bilac) traziam as peripécias de duas crianças com retoques de violência, escatologia e crueldade. Os livros com os personagens tornaram-se os maiores best-sellers da literatura infantil mundial até o início do século XX.

Imageria dedica parte importante para a experiência brasileira nas invenções dos quadrinhos. O primeiro registro de uma HQ brasileira aconteceu em 1855 quando Sébastien Auguste Sisson criou O namoro, quadros ao vivo, por S... o Cio. Elogiada por Carlos Drummond de Andrade quando de uma exposição sobre caricaturas expostas na Biblioteca Nacional, em 1954, a obra ficou anos esquecida. Com isso, além de desconstruir a ideia de que as HQs modernas tiveram início com Yellow Kid, Rogério de Campos também revela que os quadrinhos nacionais não tiveram início com Nhô Quim, de Angelo Agostini, como dita o entendimento geral.

Nascido em Alsácia, na França, em 1824, Sisson mudou-se para o Brasil e 1852. Diferentemente de Agostini ele não se envolveu em polêmicas e chegou a ser nomeado cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, por D. Pedro II.

O italiano Angelo Agostini pode não ser o primeiro a publicar um quadrinho no Brasil, mas é de longe o mais conhecido e o que mais trouxe contribuições para a linguagem no Brasil. Imageria cumpre um papel importante nos estudos sobre Agostini ao trazer farta investigação sobre a origem do autor, o mais importante artista gráfico do Brasil no século XIX. Quase não há documentação sobre ele até 1864 quando se uniu ao intelectual negro Luiz Gama e Sizenando Navuco de Araújo (irmão mais velho de Joaquim Nabuco) para fundar o jornal de humor Diabo Coxo. Os pesquisadores divergem sobre sua origem, seu nascimento e o ano em que desembarcou no Brasil. Campos dedica-se a esta busca pelas origens para compreender a arte de Agostini. Segundo ele, o autor deve ter tido contato com trabalhos de quadrinistas europeus antes

de vir ao Brasil. Tendo estudado em Paris, ele certamente teve contato com os "álbuns jabot", inspirados no trabalho de Töpffer.

Pioneiro nas narrativas gráficas, Agostini já publicava reportagens em quadrinhos em 1870 e ganhou fama com o personagem Nhô Quim, frequentemente tido como o primeiro quadrinho brasileiro por conta do entendimento importado dos EUA de que uma HQ precisaria de personagens recorrentes. Nhô Quim satiriza o caipira que tenha se adaptar à sociedade moderna. Já seu outro personagem, Zé Caipora, a exemplo de Senhor Jabot, de Töpffer, é alguém desesperado para se integrar a um mundo que o esnoba.

Imageria também se debruça sobre o trabalho do português Raphael Bordallo Pinheiro, que morou no Rio de Janeiro entre 1876 a 1879. Pinheiro tornou-se famoso com uma obra em que satirizava a viagem do imperador D. Pedro II à Europa, Apontamentos de Raphael Bordallo Pinheiro sobre a picaresca viagem do Imperador do Brasil pela Europa. Rasilb era um anagrama de Brasil e, ainda que colocasse o imperador brasileiro como um turista vislumbrado, a HQ concentrava seus maiores ataques às autoridades da Europa. Bordallo tem o mérito de ter criado com esta obra uma das primeiras graphic novels do mundo, em 1872.

Imageria ainda traz registros sobre outros pioneiros, como Émile Cohl, tido como "o pai dos desenhos animados" e Caran D'Ache, que fez HQs com balões dez anos antes de Yellow Kid, em 1886. Traz ainda exemplos de HQs publicadas na revista Le Rire, que circulou na França em 1895 e que trazia entre seus colaboradores nomes como Toulouse-Lautrec, Théophile Steinlein, Marcel Duchamp e Juan Gris.

O livro chega enfim a Richard Outcault e o aparecimento da experiência norte-americana nos quadrinhos publicados em jornais. "Se os quadrinhos não tivessem sido inventados antes, Richard Outcault os teria inventado em algum momento de 1896" (p.293), pontua Campos. Fazia alguns anos que o autor utilizava todo tipo de artifício para chamar atenção dos leitores para a sua página no jornal, como uso de cores gritantes, textos sensacionalistas, explosões, etc. A popularidade das HQs, como se pode ver nos exemplos levantados, cresceu junto com as inovações estéticas para a linguagem dos quadrinhos no início do século XX até chegar em Winsor McCay, autor de *Little Nemo* (1905). Fred Oppen e Lyonel Feiniger, um dos fundadores da Bauhaus.

Imageria encerra no que chama de "revolução interrompida" (p.342). Na mesma medida em que os quadrinhos representavam um nascimento da cultura popular moderna, como disse o editor de antologias norte-americano Peter Maresca, tal liberdade criativa também gerava incômodos. Tanto que a crescente perseguição moralista passou a tolher o conteúdo das HQs o que gerou códigos de conduta e censuras nas décadas seguintes. O livro faz um rico panorama até os primeiros anos do século XX, oferecendo material para estudos de toda ordem sobre a origem dos quadrinhos e seu legado para diversas artes.

O lançamento de Imageria é também um marco para os quadrinhos no Brasil. No momento em que a produção autoral brasileira vive uma de suas fases mais prolíficas e criativas, o livro lança bases para compreender o papel dos pioneiros na formação da linguagem das HQs. É também essencial para críticos e pesquisadores em suas análises críticas sobre autores contemporâneos. Como disse o crítico Paul Gravett, "o futuro dos quadrinhos se firma e se constrói a partir das obras fundadoras do passado".